

# PARA UMA SINTAXE UNIFICADA DE *QUANDO*<sup>1</sup>

Maria Luísa Dias Leão<sup>2</sup>

[mluisaleao@gmail.com](mailto:mluisaleao@gmail.com)

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

**RESUMO.** O morfema *quando*, em Português, ocorre em orações subordinadas adverbiais e relativas (restritivas, apositivas e livres), bem como em orações interrogativas subordinadas e independentes. A partir da sistematização de todos os contextos sintáticos em que *quando* ocorre, apresenta-se a proposta para uma sintaxe unificada de *quando*, defendendo-se a hipótese de que estaremos perante um mesmo constituinte (um morfema Q), que apresenta a propriedade sintática de operador [+Q], o que lhe permite derivar estruturas de adjunção ou complementação a diferentes constituintes, envolvendo Movimento Q e unindo, por isso, os valores de morfema e de conector.

**PALAVRAS-CHAVE.** *Quando*, subordinação adverbial e relativa, interrogativas parciais, interrogativas subordinadas, movimento Q.

**ABSTRACT.** The morpheme *quando* ('when'), in Portuguese, occurs in adverbial subordinate clauses, in relative subordinate clauses (restrictive, non-restrictive, and free relatives), and in subordinate and independent interrogative clauses. From the systematization of the main syntactic contexts in which *when* occurs, we present the proposal for a unified syntax of *when*. The hypothesis states that *when* is always the same constituent (a *wh* morpheme), which presents the syntactic property of being an operator, and allows to derive adjunction or complementation structures to different constituents, involving *wh* movement and therefore combining *wh* morpheme and connective values.

---

<sup>1</sup> Este artigo parte da minha tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem, defendida no dia 15 de novembro de 2021, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação da Professora Doutora Ana Maria Brito, a quem agradeço a supervisão. Agradeço também ao avaliador do artigo e à equipa editorial da Revista elingUP a sua publicação.

<sup>2</sup> Estudante do 3.º ciclo de estudos em Ciências da Linguagem da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

KEY-WORDS. *When*, adverbial and relative subordination, embedded *wh* interrogatives, independent interrogatives, *wh* movement.

## 1. Introdução

A partir da observação de várias orações iniciadas por *quando*, é possível verificar que a sintaxe de *quando* não é, aparentemente, uniforme, conforme opinião de Brito (2003: 665). Nos últimos anos, porém, tem havido várias propostas no sentido de unificar alguns dos valores de *quando*. De facto, Mória (1992, 2001) aproxima certas orações subordinadas adverbiais das orações relativas, chegando mesmo a propor que *quando*, ao lado de *como*, deve ser incluído no leque dos pronomes/morfemas relativos. Já no caso do Inglês, Haegeman (2010) sugere igualmente uma aproximação entre o *when* conector e o *when* morfema *wh*.

A questão a ser discutida neste estudo é, precisamente, a de saber se é possível propor uma sintaxe unificada de *quando* em Português.

O artigo está organizado do seguinte modo: depois desta brevíssima introdução, no ponto 2., fazemos uma descrição, necessariamente sumária, dos principais contextos sintáticos em que *quando* ocorre em Português; em 3., defendemos a hipótese de que é possível propor uma sintaxe unificada das orações de *quando*; e, em 4., apresentamos as principais conclusões deste estudo.

## 2. Heterogeneidade sintática das orações de “quando”?

Neste ponto, vamos analisar, embora de maneira breve, os múltiplos contextos sintáticos em que *quando* ocorre, e descrever as propriedades sintáticas que permitem que este morfema/conector ocorra nesses diferentes contextos.

Deste modo, começamos por fazer uma listagem dos diferentes contextos sintáticos, seguida de exemplos ilustrativos:

- oração subordinada **adverbial não periférica** (em posição final)

(1) Recordei a minha infância *quando nos conhecemos*.

- oração subordinada **adverbial não periférica** (em posição inicial)

(2) *Quando nos conhecemos*, recordei a minha infância.

- oração subordinada **adverbial periférica** (com valor contrastivo)

(3) Recordei a minha infância, *quando (sabia que) isso me ia fazer sofrer*.

- oração subordinada **relativa restritiva**

(4) Recordo o sábado *quando nos conhecemos*.

- oração subordinada **relativa não restritiva** (apositiva)

(5) No sábado, *quando nos conhecemos*, quase desmaiei.

- oração subordinada **relativa livre**

(6) Adorei *quando nos conhecemos*.

- oração subordinada **interrogativa parcial imprópria**

(7) Sei *quando nos conhecemos*.

- oração subordinada **interrogativa parcial própria**

(8) Perguntaram-me *quando nos conhecemos*.

- oração **interrogativa independente**

(9) *Quando nos conhecemos?*

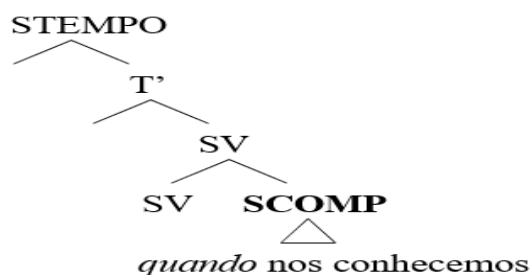
Partindo da observação da listagem anterior, podemos concluir que as orações em que *quando* ocorre, além de poderem iniciar uma interrogativa independente, pertencem a três tipos de subordinação (adverbial, relativa e completiva); daí haver argumentos para sustentar, num primeiro momento, a heterogeneidade sintática das orações de *quando*.

As frases de *quando*, em Português, têm sido descritas por vários gramáticos e linguistas, destacando-se, no quadro da Sintaxe Generativa, os estudos de Mória (1992, 2001), Brito (2003) e Lobo (2003). Aceitando, igualmente, estes pressupostos, assumiremos que as orações introduzidas por *quando* são descritas pela categoria funcional SCOMP.

No exemplo (1), aqui repetido em (10), *quando* ocorre no início de uma oração que é modificadora do predicado superior: estas orações admitem mobilidade (*Quando nos conhecemos, recordei a minha infância.*) e clivagem (*Foi quando nos conhecemos que recordei a minha infância.*); estão sob o escopo da negação (*Não recordei a minha infância quando nos conhecemos. – recordei no dia seguinte.*) e de operadores de foco (*Só recordei a minha infância quando te conheci.*); manifestam a próclise em PE, sendo a ênclise agramatical (*\*Recordei a minha infância quando conheci-te.*); aceitam negativas e interrogativas alternativas (*Não recordei a minha infância quando nos conhecemos, mas sim quando nos separámos.*; *Recordei a minha infância quando nos conhecemos ou quando nos separámos?*); e respondem a interrogativas Q (*- Quando é que recordei a minha infância? - Quando nos conhecemos.*). Desenvolvendo Lobo (2003), *quando* é concebido como um conector que introduz uma **oração subordinada adverbial não periférica em posição final**, na qual o SCOMP (com *quando* em C) configurará uma estrutura de

adjunção à direita de SV, dentro de STEMPO, conforme a representação simplificada em (10)<sup>3</sup>:

(10) Recordei a minha infância [*quando nos conhecemos*].

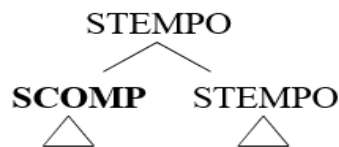


Como sabemos, este tipo de oração pode surgir em posição inicial, como em (2), aqui repetida como (11). Trata-se, também, de uma **oração adverbial não periférica**, uma vez que responde da mesma forma aos testes sintáticos atrás realizados, mas, ao ocorrer **em posição**

<sup>3</sup> Na parte final do artigo, a representação de *quando* como núcleo de SCOMP vai ser problematizada. No presente momento, destina-se apenas a destacar o SCOMP, motivo pelo qual não se representa o interior do sintagma, não se preenche o SD, nem se dá conta do movimento de V para T.

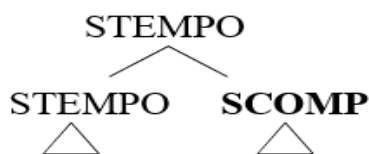
**inicial**, configurará uma estrutura de adjunção à esquerda de STEMPO, numa relação de *pair-merge* (compor-par), pois funciona como modificador temporal da frase. Veja-se a estrutura simplificada em (11):

- (11) [*Quando nos conhecemos*], recordei a minha infância.



Há, ainda, que ter presente a existência de orações de *quando*, em posição final, que adquirem um sentido contrastivo: estas não possuem mobilidade (pois em posição inicial perdem o sentido contrastivo, ficando só o temporal, veja-se #*Quando todos sabiam que tinha de terminar a tese, o João foi de férias*), e respondem de modo contrário (com agramaticalidade) a todos os testes sintáticos anteriormente mencionados. No exemplo (3), aqui renumerado como (12), a **oração adverbial subordinada é periférica** e tem valor contrastivo (para além do temporal), só podendo ocorrer, para esse sentido, em posição final. Ao funcionar, neste caso, como modificador da frase<sup>4</sup>, será mapeada numa posição externa a STEMPO, em adjunção à direita de STEMPO, na representação simplificada em (12):

- (12) Recordei a minha infância, [*quando sabia que isso me ia fazer sofrer*].

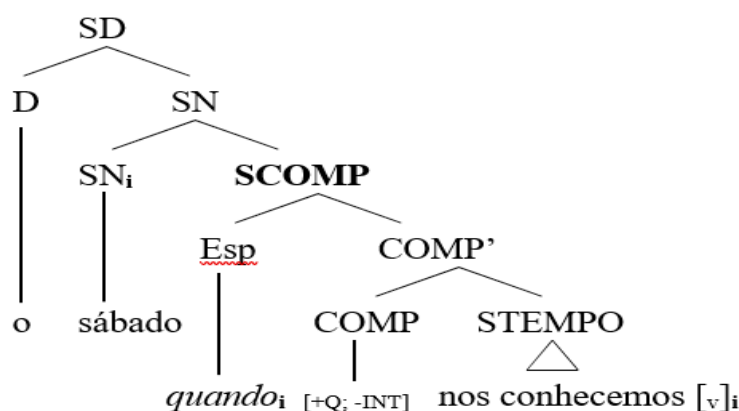


Até este momento, descrevemos as orações de *quando* como subordinadas adverbiais. Contudo, a natureza relativa de certas orações de *quando* foi sugerida em Lopes (1971) e Mateus *et al.* (1983/1989), sendo retomada, de maneira consistente, por Mória (1992, 2001). Neste contexto, estes autores já sugerem que há um *quando* relativo, um morfema Q com o traço semântico [+ tempo], e que a oração em que este morfema surge desempenha uma função sintática na oração subordinada relativa em que ocorre, geralmente de modificador/adjunto,

<sup>4</sup> Ao contrário das orações de *quando* não periféricas em posição final, que são modificadores do V superior, as que ocorrem em posição final com sentido contrastivo são modificadores de frase.

com valor temporal. No exemplo (4), aqui repetido como (13), a oração com *quando* tem um valor de **oração relativa restritiva (RR)**, representada por adjunção a uma categoria nominal que admitimos ser SN, por ser uma posição mais baixa do que SD - se aceitarmos a “hipótese SD” (Abney, 1987) e a análise das RR de Brito (2005), na medida em que funciona como modificador restritivo de uma expressão nominal (*o sábado*). Recorde-se que, de acordo com a hipótese SD, a categoria nominal que contém uma relativa é um SD, mas a RR é um nó irmão de SN<sup>5</sup>, conforme se descreve na representação simplificada em (13):

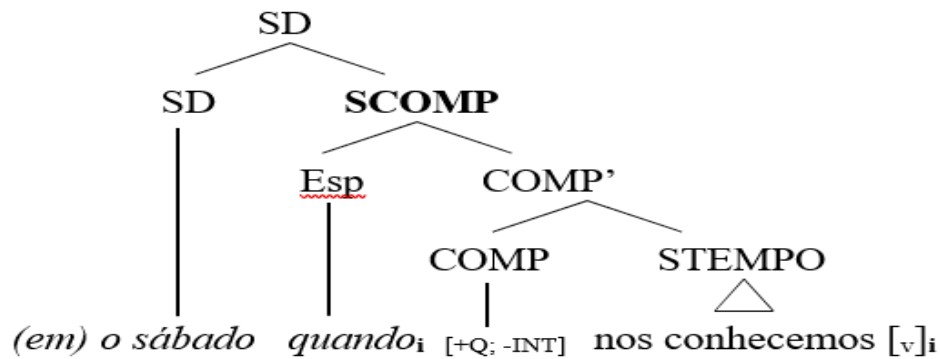
(13) Recordo [o sábado [*quando nos conhecemos*]].



Há, ainda, orações de *quando* relativas não restritivas (ou apositivas), e o exemplo (5), aqui repetido como (14), é ilustrativo desse valor. A oração de *quando*, uma **relativa não restritiva (RNR)**, configura uma estrutura de adjunção a SD, provavelmente como um mecanismo de inserção tardia (por “pair merge”) na derivação (tal como sugerido por Brito 2005), funcionando como modificador não restritivo, apositivo, de SD. Veja-se a representação simplificada em (14), que descreve as propriedades fundamentais deste tipo de construção:

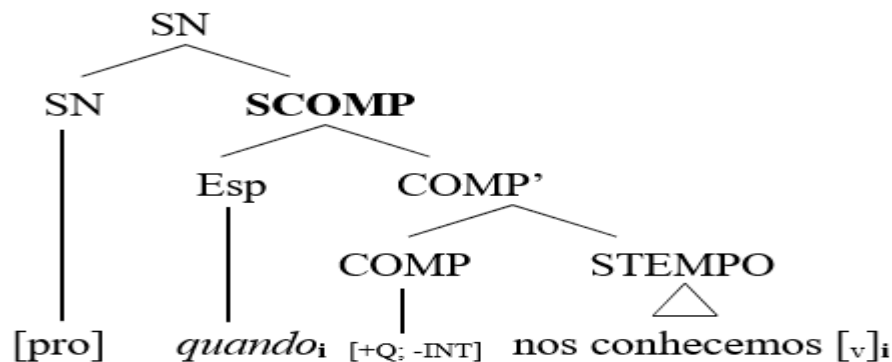
(14) No sábado, *quando nos conhecemos*, quase desmaiei.

<sup>5</sup> Trata-se de uma estrutura de adjunção de uma RR a SN, tal como é defendido em Brito (2005).



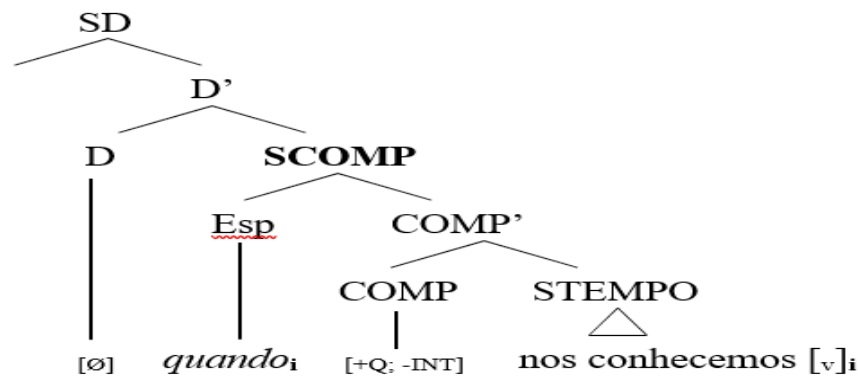
No exemplo (6), aqui renumerado como (15), a oração de *quando* é uma **oração relativa livre (RL)**, de acordo com a análise de Brito (1991), Mória (1992, 1996, 2001), Veloso (2013) e Matos & Brito (2018). Como em todas as relativas livres, a oração subordinada é um constituinte da frase matriz, selecionada pelo verbo principal (neste caso, *adorar*) e desempenha uma função sintática, aqui de OD. De acordo com os autores citados, as RLs têm uma estrutura sintática paralela à das relativas com antecedente; a diferença entre uma relativa com antecedente e uma relativa livre reside no facto de que a RR tem antecedente explícito e o da RL é implícito (um *pro*). Brito (1991) e Mória (1996) propõem uma estrutura como (15):

(15) Adorei [Ø[quando nos conhecemos]].



No quadro da hipótese SD, há alternativas a esta estrutura, havendo propostas (Donati 1997, Alexiadou *et al.* 2000: 24, Matos & Brito 2018) no sentido de considerar que não há uma camada SN e que SCOMP é diretamente selecionado por um D nulo. A estrutura poderia ser como em (16):

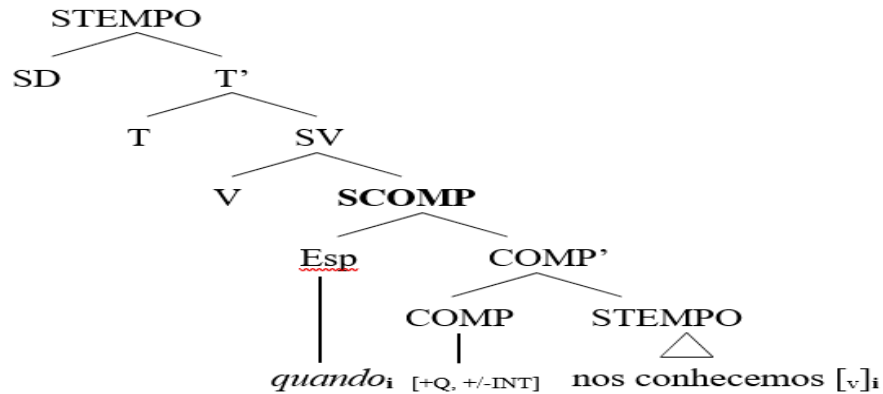
(16)



Até agora analisámos, de forma breve, as orações de *quando* cujas características sintáticas nos permitem integrá-las na subordinação adverbial e na subordinação relativa. Há, ainda, outras frases em que as orações introduzidas por *quando* são argumentos selecionados por verbos da frase matriz, exprimindo conhecimento/desconhecimento ou inquirição, sendo exemplos de interrogativas parciais subordinadas impróprias (“Sei *quando vens*”) e próprias (“Pergunto *quando vens*”) (Matos & Brito 2013, 2018).

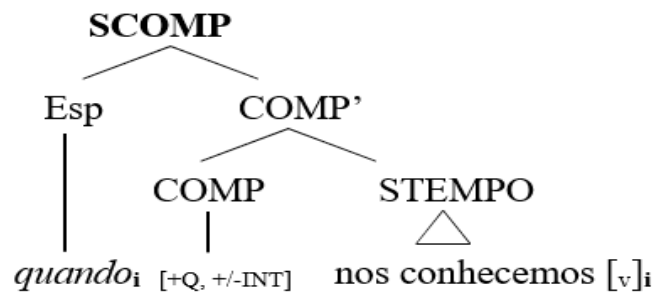
A distinção entre interrogativas próprias e impróprias depende da presença dos traços [+/- int], que são dependentes das características semânticas e sintáticas dos predicados da oração matriz. Recorde-se que, neste tipo de contexto, *quando* é uma expressão -Q de valor adverbial e tem um comportamento sintático próximo de outros morfemas -Q, como *quem*, *o quê*, *onde*, *como*, etc. As interrogativas subordinadas próprias e impróprias introduzidas por *quando* serão descritas pela categoria funcional SCOMP, cujo núcleo (COMP) se caracteriza pelos traços [+Q] e [+/- int], que motivam o movimento dos constituintes interrogativos para a esquerda, para a posição de especificador. O movimento Q deixa um vestígio [<sub>v</sub>]<sub>i</sub> co-indexado com o constituinte movido (no Programa Minimalista (PM) concebido como uma cópia baixa, em geral não soletrada). Nos exemplos (7) e (8), aqui renumerados como (17), as orações introduzidas por *quando* são **interrogativas subordinadas impróprias e próprias**, sendo argumentos selecionados pelos verbos da frase matriz, *saber* e *perguntar*, respetivamente. Isto pode ser simplifadamente representado através da estrutura de complementação em (17):

(17) Sei [quando nos conhecemos]. / Perguntaram-me [quando nos conhecemos].



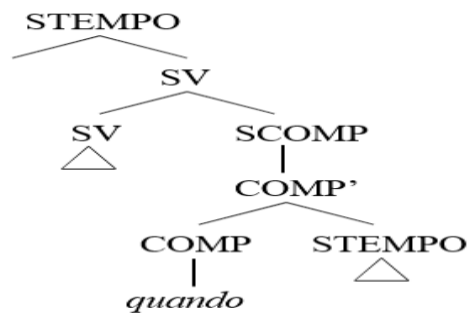
Finalmente, na frase (9), aqui repetida e representada em (18), a oração de *quando* é uma **interrogativa parcial independente**:

(18) [Quando nos conhecemos]?

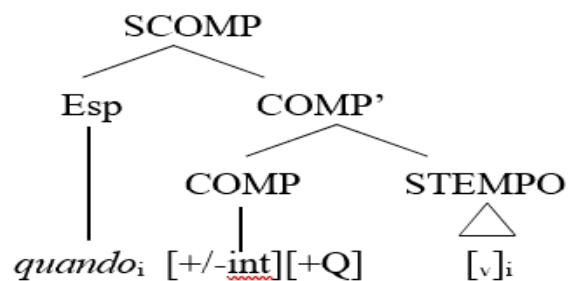


As estruturas acima representadas, de forma sumária, permitem-nos destacar que *quando* reúne os valores de **advérbio** e de **conjunção**. Do ponto de vista diacrónico, já no Latim, ocorria como advérbio e conjunção, partilhando o mesmo radical *qu-* dos pronomes relativos e interrogativos *quis / qui, quae, quid / quod*, que vieram a originar *quem, qual, que*. Do ponto de vista sincrónico e sintático, vimos que *quando* é:

- (i) um **conector em COMP**, marcando uma conexão entre orações, como quando introduz uma oração subordinada adverbial temporal, tal como havíamos visto em (10):



- (ii) ou um **morfema -Q**, isto é, um **operador sintático -Q** movido para a posição à esquerda da frase (Esp de SCOMP), onde é capaz de ligar uma categoria vazia, um vestígio:



Com base nesta descrição, podemos observar que, por trás da heterogeneidade de contextos sintáticos, existem fatores de unidade. Será, então, que estamos perante um mesmo morfema que tem dois valores em Português, ou será que podemos ir mais longe e estamos perante um mesmo constituinte com várias realizações sintáticas que partilham propriedades? É esse o objetivo do ponto seguinte.

### 3. Sintaxe unificada de “quando”

A discussão dos dois valores de *quando* tornou-se, precisamente, o objetivo principal deste estudo. Recorde-se que, tal como proposto no ponto 2., *quando* é conetor, e, portanto, espera-se que gerado em C (COMP), e *quando* é morfema relativo/interrogativo, movido para especificador de SCOMP. Na medida em que *quando* conetor e *quando* morfema partilham os traços [+Q] e [+tempo], *quando* será sempre um [+OPERADOR] sintático. Assim, a

verificação dos traços [+Q] e [+tempo] de *quando* operador parece ser motivação suficiente para licenciar o movimento -Q, também dentro de um SCOMP adverbial com *quando*.

Haegeman (2010), no estudo *The internal syntax of adverbial clauses*, coloca, precisamente, esta hipótese, para o Inglês: “(...) temporal adverbial clauses are derived by the movement of a temporal operator from within the IP domain to the CP area” (Haegeman 2010:11). Vejamos se esta hipótese se verifica em Português.

A existência de frases como (19),

- (19) O João fechou a porta *quando a Maria anunciou que ia entrar*.

que apresentam ambiguidade de escopo, leva-nos a considerar que, às duas leituras, correspondem duas estruturas, ((20) e (21)):

- (20) O João fechou a porta [SCOMP quando<sub>i</sub> [STEMPO a Maria anunciou [SCOMP que [STEMPO ia entrar]] v<sub>i</sub>]].

= *quando* pode ser extraído do interior da oração temporal (no momento em que *a Maria* fez o anúncio da sua entrada).

- (21) O João fechou a porta [SCOMP quando<sub>i</sub> [STEMPO a Maria anunciou [SCOMP que [STEMPO ia entrar v<sub>i</sub>]]]].

= *quando* pode ser extraído do interior da completiva (no momento da suposta entrada *da Maria*).

Poder-se-á explicar esta ambiguidade se se aceitar a proposta de existência de movimento -Q nestas orações, nas quais *quando* não será gerado na base, na posição mais à esquerda da frase temporal, mas virá do interior da frase temporal, ou do interior da completiva. Desenvolvendo Haegeman (2010:11), nas orações adverbiais, o morfema *quando* será gerado numa posição mais baixa, interna a STEMPO, movendo-se para a posição de especificador de SCOMP, para verificação de traços.

Baseados nos argumentos que acabámos de expor, podemos manter a análise efetuada anteriormente (na linha de Lobo (2003) e Brito (2003)), considerando que, em frases como (22), *quando* introduz uma oração **subordinada adverbial temporal não periférica**:

- (22) O Luís saiu [quando a Ana entrou].

Recorde-se que, para Mória (1992, 2001), todas as orações ditas adverbiais temporais não periféricas iniciadas por *quando* são orações relativas. No presente artigo, como vimos no ponto 2., consideramos que nem todas as orações iniciadas por *quando* são relativas, uma vez que, em frases como (22), a oração introduzida por *quando* não é argumento, nem de um SV, nem de um SN, nem de uma preposição. Numa paráfrase possível de (22), existe um SN inserido num SP [*em o momento quando a Ana entrou*], e, nessa paráfrase, a oração de *quando* é uma relativa modificadora desse SN (*o momento...*), desempenhando o morfema *quando* uma função sintática na oração que introduz. Assim, nesse contexto, a oração de *quando* não apresenta mobilidade, nem pode ser clivada.

Ora, em contextos sintáticos como (22), *quando* não desempenha uma função sintática na oração que introduz e, por isso, estas orações apresentam mobilidade, podem ser clivadas e respondem aos testes sintáticos como orações adverbiais temporais (cf. Secção 1).

Assim, reiteramos que, em (22), estamos perante uma oração adverbial temporal e não uma relativa. Na linha de Haegeman (2010: 11), propomos que, nas orações adverbiais, o morfema/conetor *quando* também é gerado numa posição mais baixa interna a STEMPO, movendo-se para a posição de especificador de SCOMP para verificação de traços. Neste sentido, explica-se o paralelismo entre orações adverbiais, relativas e interrogativas subordinadas, relativamente aos fenómenos de extração e de ambiguidade.

Continuando na linha de Haegeman (2010), para o Inglês, também em Português, o conetor subordinativo *quando* é formalmente idêntico ao constituinte relativo e ao interrogativo, pelo que, nas palavras da autora (2010:12): “a movement analysis would be uncontroversial”.

Assim, explicar-se-ia a identidade formal de *quando* nos três tipos de construções analisadas:

- (23) O quarto estava às escuras [*quando o João chegou*]. (Sub.Adv.)
- (24) [*No sábado [quando o João chegou]*] o quarto estava às escuras. (RR)
- (25) Perguntei [*quando o João chegou*]. (Int.Sub.)

Outro aspeto a favor da natureza de morfema Q de *quando* é um argumento de variação.

Apesar de não serem produzidos por falantes que utilizam a norma padrão do PE, em certas variantes coloquiais do PB e em algumas variantes coloquiais africanas, há frases como (26),

- (26) *Quando que assumi funções, uma das questões com que fui confrontado foi dar ou não continuidade a esta Via Expresso.*

nas quais o operador *quando* co-ocorre com o complementador *que* (“*quando que*”): a posição de núcleo de SCOMP está disponível para esse complementador *que* e a posição ocupada por *quando* é a de especificador de SCOMP, obtida por movimento para verificação de traços.

Veja-se, ainda, o que acontece com *quando* como introdutor de uma oração adverbial periférica, com sentido contrastivo, em Português:

- (27) O João abriu a janela, [<sub>SCOMP</sub> *quando*]<sub>j</sub>[<sub>STEMPO</sub> *sabia* [<sub>SCOMP</sub> *que* [<sub>STEMPO</sub> *a Maria tinha fechado a porta* [-]<sub>j</sub> por causa das correntes de ar]]].

- (28) \*O João abriu a janela, [<sub>SCOMP</sub> *quando*]<sub>j</sub>, *a porta*<sub>i</sub>, [<sub>STEMPO</sub> *sabia* [<sub>SCOMP</sub> *que* [<sub>STEMPO</sub> *a Maria tinha fechado* [-]<sub>i</sub> [-]<sub>j</sub> por causa das correntes de ar]]].

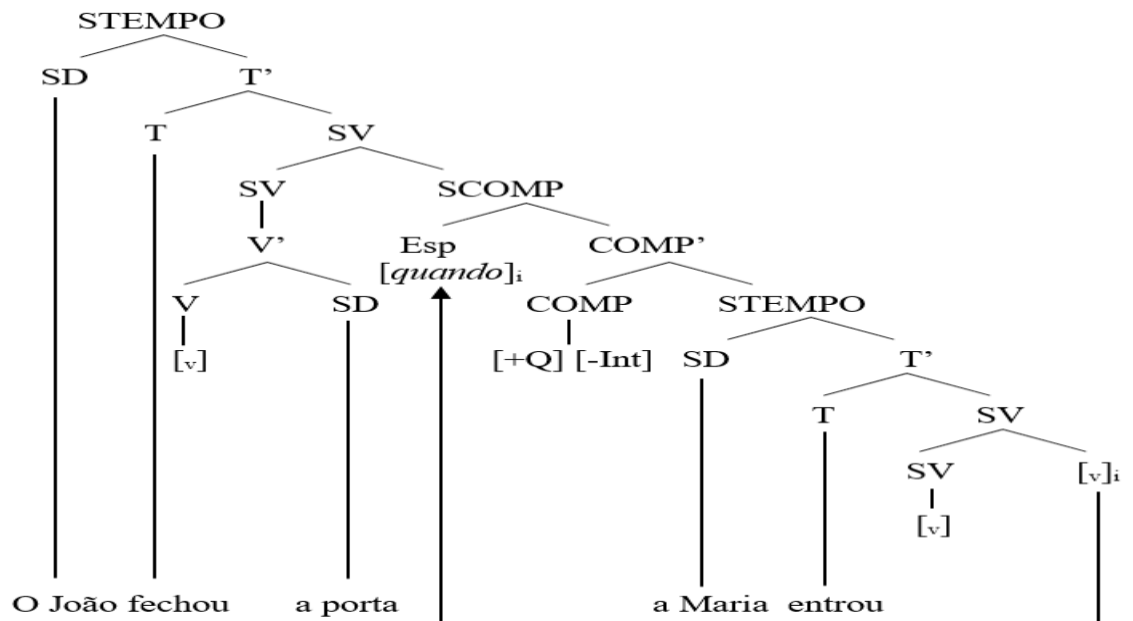
(28) mostra que as orações adverbiais de *quando* periféricas não aceitam a extração de um argumento interno (aqui topicalização do OD “a porta”), pelo que, tal como as orações de *quando* não periféricas, também seriam derivadas por movimento do operador -Q.

Há, pois, algumas razões para propor que, nas orações subordinadas adverbiais temporais de *quando* não periféricas e periféricas, em Português, *quando* pode não ser gerado na base em COMP, como conector. Em alternativa, parece ser gerado numa posição não argumental/oblíqua em STEMPO, e movido para especificador de SCOMP, dada a sua natureza de operador, comum ao *quando* interrogativo e ao *quando* relativo. A representação (29) seria, assim, comum a todas as orações de *quando*:

- (29) ...[<sub>SCOMP</sub> [*quando*]<sub>i</sub> [*a Maria entrou* [<sub>v</sub>]<sub>i</sub>]]

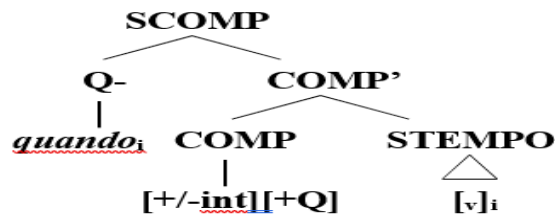
Nesta perspetiva, a estrutura em (30) representa uma oração subordinada adverbial temporal não periférica em posição final, com movimento do operador *quando* para a posição de especificador de SCOMP, para verificação do traço [+Q]<sup>6</sup>:

(30) O João fechou a porta [*quando*]<sub>i</sub> a Maria entrou [<sub>v</sub>]<sub>i</sub>.



Deste modo, (31) representa a estrutura interna de um **SCOMP** que permite descrever **todas as orações subordinadas (adverbiais, relativas, interrogativas) e as interrogativas parciais independentes** iniciadas por *quando*:

(31)



#### 4. Conclusões

<sup>6</sup> Para simplificar a estrutura, optou-se por omitir o movimento do sujeito da sua posição de base, no SV, para especificador de STEMPO.

Estamos agora em condições de apresentar as seguintes conclusões deste estudo.

1. **quando** é um **morfema/conetor -Q com valor temporal e um operador sintático**. Como tal, possui sempre os traços distintivos [+Q], [+tempo], presentes em todos os tipos de orações subordinadas em que ocorre, não se justificando a existência de várias entradas lexicais, mas apenas de uma;
2. como **operador -Q**, a oração que inicia (SCOMP) ora ocorre numa **estrutura de adjunção** (orações relativas e orações adverbiais prepostas ou pospostas à frase matriz), ora numa **estrutura de complementação** (interrogativas subordinadas);
3. existe **movimento -Q** em todas as estruturas com o operador *quando*. Esta estratégia, utilizada na descrição das orações relativas e das interrogativas com *quando*, foi alargada na presente proposta às orações subordinadas adverbiais temporais (não periféricas e periféricas);
4. um **SCOMP** com *quando* terá no seu núcleo outras propriedades, para além do traço [+Q], nomeadamente o traço [+/-interrogativo] que permite distinguir orações interrogativas próprias de impróprias e de orações não interrogativas (em particular, orações subordinadas relativas e adverbiais temporais).
5. [+Q], [+tempo], **SCOMP** e **Movimento Q** são, portanto, as propriedades/categorias/traços que permitem englobar todas as construções de *quando* numa descrição sintática homogênea e unificada.

## Referências

- Abney, S. P. 1987. The English Noun Phrase in Its Sentential Aspect. Tese de Doutoramento, Massachusetts Institute of Technology.
- Alexiadou, A.; Svenonius, P. (eds.). 2000. Adverbs and Adjunction. In Linguistics in Potsdam. Potsdam. S. 6(1).
- Brito, A. M. 2003. Subordinação Adverbial. In Gramática da Língua Portuguesa (695-766). Lisboa: Caminho.
- Brito, A. M. 2005. As relativas não restritivas como um caso de aposição. Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 401-41.

- Brito, A. M.; Matos, G. 2018. Relativas livres e interrogativas parciais: como Óscar Lopes viu algumas destas construções. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 13(1): 29-5.
- Donati, C. 2006. On Wh-Head Movement. In *Wh-Movement: Moving on* (21–46). Cambridge: MIT Press.
- Haegeman, L. 2010. The internal syntax of adverbial clauses. *Lingua* 120(3): 628–648
- Lobo, M. 2003. Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Lopes, Ó. 1971. *Gramática Simbólica do Português* (1ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. 1983/1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Matos, G.; Brito, A. M. 2013. The Alternation Between Improper Indirect Questions and DPs Containing a Restrictive Relative. In *Information Structure and Agreement*. (83-116) Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Matos, G.; Brito, A. M. 2018. Relativas livres e interrogativas parciais: paralelos e diferenças. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 4 (9): 152–167.
- Móia, T. 1992. A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso no português. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Móia, T. 1996. A sintaxe das orações relativas sem antecedente expresso no português. In *Quatro estudos em sintaxe do português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Móia, T. 2001. Aspectos Sintático-Semânticos das Orações Relativas com *Como* e *Quando*. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 349–361.
- Veloso, R. 2013. Subordinação Relativa. In *Gramática do Português*. (Vol. II, 2061 – 2134) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.